



) PATRIMÔNIO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ – SP: UMA ANÁLISE TÉCNICO-REFLEXIVA.

PATRIMÔNIO, IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES: A VIDA NA CIDADE

Afonso Peche Filho¹
Luiz Henrique Fregulia Aiello²
Juliana Oliveira de Paula³

RESUMO

A violência ambiental lenta, conceito desenvolvido por Rob Nixon, descreve processos graduais de degradação que se acumulam ao longo do tempo, afetam de forma desigual as populações e permanecem, em grande medida, invisíveis ao debate público. Este artigo aplica o conceito à realidade agrícola do município de Jundiaí - SP, analisando como práticas produtivas e omissões sociais têm comprometido o seu patrimônio agrícola, um bem de valor histórico, cultural e econômico que se inicia com o ciclo da cana-de-açúcar, passa pelo café e se consolida com a vitivinicultura, que transformou a cidade na “terra da uva”. A degradação lenta desse patrimônio ameaça não apenas a base ecológica da produção, mas também a identidade e a memória rural de Jundiaí. Conclui-se que a superação dessa lógica exige transparência de dados, fortalecimento das políticas públicas ambientais e mobilização comunitária em torno da preservação e regeneração do patrimônio agrícola local.

PALAVRAS-CHAVE: violência lenta; violência ambiental; agricultura; omissão social; terra da uva

INTRODUÇÃO

O patrimônio agrícola de Jundiaí - SP é fruto de mais de dois séculos de produção contínua, moldado por ciclos que marcaram profundamente sua economia e cultura. O primeiro grande ciclo produtivo, no período colonial, foi o da cana-de-açúcar, que estruturou engenhos e propriedades, integrando o município às rotas comerciais e inaugurando o uso intensivo da terra para fins agroindustriais.

Com a decadência relativa da cana, o café assumiu protagonismo a partir do século XIX, impulsionado pela fertilidade natural dos solos e pela ligação ferroviária com o Porto de Santos. Esse ciclo expandiu a fronteira agrícola interna, consolidou grandes propriedades e atraiu mão de obra imigrante.

¹ Doutor. Instituto agrônomo de Campinas. afonsopeche@gmail.com

² Mestre, UNESP – Sorocaba. luizaiello@yahoo.com.br

³ Advogada, Coletivo Japy. julianaoliveira@yahoo.com.br



Já no início do século XX, a introdução da vitivinicultura, impulsionada por imigrantes italianos e portugueses, transformou a produção de uvas em símbolo de identidade local. A Festa da Uva, criada em 1934, cristalizou essa associação, conferindo à cidade a marca que persiste até hoje: “terra da uva”.

Atualmente, porém, esse patrimônio enfrenta ameaças silenciosas: erosão, perda de fertilidade do solo, contaminação hídrica difusa, fragmentação de áreas produtivas e erosão genética de variedades tradicionais. Tais processos configuram a violência lenta descrita por Nixon, degradando ao mesmo tempo a base ecológica e a herança cultural da agricultura jundiaíense.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 Violência lenta e patrimônio agrícola

A violência lenta refere-se a processos de degradação cumulativos, graduais e muitas vezes invisíveis no curto prazo. No patrimônio agrícola, ela compromete não apenas recursos naturais, mas também tradições, práticas e identidades vinculadas à produção rural. A perda não é apenas física, mas também simbólica e cultural.

1.2 Linha do tempo da agricultura em Jundiaí: da cana à uva

- Século XVII e XVIII – Ciclo da Cana-de-açúcar: Primeira grande atividade agrícola estruturada no território. Engenhos de açúcar abasteciam o mercado interno e regiões vizinhas. O cultivo exigiu desmatamento de áreas nativas e marcou o início da transformação da paisagem rural.
- Século XIX – Ciclo do Café: Expansão da cafeicultura, aproveitando a fertilidade dos solos e a conexão ferroviária. O café tornou-se motor econômico e fator de transformação social, atraindo imigrantes e capital.
- Início do Século XX – Introdução e expansão da vitivinicultura: Imigrantes italianos e portugueses introduziram variedades de uva adaptadas ao clima e solo locais. A vitivinicultura passou de consumo doméstico à produção comercial, agregando valor cultural e econômico.
- Décadas de 1960 a 1980 – Consolidação da “Terra da Uva”: A produção se tornou referência nacional em qualidade, e a Festa da Uva fortaleceu o vínculo cultural. A uva passou a simbolizar não apenas a produção agrícola, mas também a identidade jundiaíense.
- Período contemporâneo – Pressões e ameaças: A urbanização e a especulação imobiliária avançam sobre áreas rurais; práticas agrícolas intensivas e a perda de variedades tradicionais ameaçam a autenticidade e a sustentabilidade do sistema.



2. A violência lenta no patrimônio agrícola de Jundiaí

A aplicação do conceito de violência lenta revela múltiplas frentes de degradação:

- Erosão e perda de solo fértil: ausência de práticas conservacionistas em áreas de encosta reduz a produtividade e aumenta a dependência de insumos.
- Contaminação difusa das águas: uso intensivo de defensivos e fertilizantes compromete mananciais.
- Fragmentação das áreas produtivas: avanço urbano e ocupação irregular isolam áreas agrícolas.
- Erosão genética: substituição de variedades tradicionais de uva por cultivares comerciais homogeneizados.
- Risco cultural: degradação lenta ameaça o símbolo identitário da “terra da uva”.

3. Invisibilidade e risco cultural

A degradação é reforçada por narrativas que mascaram a gravidade do problema:

- Narrativa da excepcionalidade: confiança excessiva de que Jundiaí preserva melhor seu território agrícola que outras cidades.
- Narrativa do progresso inevitável: urbanização e modernização vistas como incontroláveis.
- Narrativa da substituição fácil: crença de que novas tecnologias podem substituir sem perda o patrimônio agrícola tradicional.

Essas narrativas favorecem a inércia social e retardam medidas de proteção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio agrícola de Jundiaí, desde a cana-de-açúcar até a vitivinicultura, é um bem que integra história, cultura e economia. A violência lenta que hoje o afeta compromete não apenas a produção e a biodiversidade agrícola, mas também a memória coletiva e o orgulho de ser “terra da uva”.

Romper essa lógica requer:

1. Monitorar e tornar visíveis indicadores de degradação do solo, da água e da diversidade agrícola.
2. Integrar políticas ambientais e culturais para reconhecer e proteger o valor histórico da agricultura local.
3. Estimular práticas de manejo ecológico que preservem a base produtiva e cultural.
4. Mobilizar a comunidade para agir na defesa ativa do patrimônio agrícola.



Sem essas ações, a herança agrícola jundiaense poderá se reduzir a um fragmento histórico, enquanto a “terra da uva” sobrevive apenas como marca turística.

REFERÊNCIAS

NIXON, R. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, EUA. 2011.

CAMPANHOLE, A.; SANTOS, W.; GICOVATE, M.; Aditamentos à história da fundação de Jundiaí. IHG. Literarte – livros e artes LTDA. Jundiaí – SP. 1994.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BASSOLS, N.; A memória biocultural – a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Editora Expressão Popular / AS.PTA. São Paulo – SP. 2015